

A MEDIAÇÃO DA ESCRITA EM CURSOS DE LICENCIATURA

LAROCCA, Priscila — UEPG
priscilalarocca847@hotmail.com

Resumo

A partir da concepção de que o domínio das práticas de escrita é fundamental para futuros professores, neste texto apresentamos pesquisa cujo objetivo foi investigar as relações que os acadêmicos mantêm com a escrita de textos, tendo em vista o processo ensino-aprendizagem nas licenciaturas. O referencial teórico que guiou a pesquisa provém da Psicologia Histórico-Cultural de Vygotsky, na qual as relações entre linguagem e pensamento ocupam lugar central. Nessa perspectiva teórica, o aprendizado e desenvolvimento da língua escrita não resultam apenas na aquisição de melhores instrumentos de comunicação, mas sobretudo, na construção de estruturas de pensamento mais complexas e elaboradas, garantindo um pensamento mais organizado. A abordagem metodológica foi quantitativa e a coleta de dados se deu mediante questionários respondidos por acadêmicos das Licenciaturas em Pedagogia, História, Geografia e Matemática. Os dados retratam a relação dos acadêmicos com o texto escrito; o desenvolvimento da escrita durante a trajetória universitária; a solicitação de práticas de produção escrita pelos professores e a relação do acadêmico com a leitura de textos literários. Nas considerações finais apontamos para a relação conflituosa, pouco prazerosa, e pautada por dificuldades, que os acadêmicos mantêm com a produção de textos escritos e para um universo de leitura empobrecido, procurando mostrar que a mediação dos formadores, ainda que restrita, é bastante importante para o desenvolvimento da escrita dos acadêmicos. Destacamos, ainda que a utilização da linguagem escrita com autonomia e adequado domínio da língua resulta de um longo esforço de produção dos aprendizes, sendo necessário que o contexto da formação inicial de professores, nas licenciaturas, configure-se também como um contexto de letramento, que valorize mais as práticas de leitura e de produção escrita.

Palavras-chave: Licenciaturas; Formação de Professores; Letramento; Psicologia Histórico-Cultural.

1. INTRODUÇÃO

Frequentemente nos deparamos com as dificuldades que estudantes universitários enfrentam quando seus professores solicitam trabalhos escritos, artigos, resumos, resenhas, apreciações críticas etc, mas nem sempre nos preocupamos em investigar o estado da questão dentro dos cursos universitários, razão pela qual, ficamos

com a sensação de que as dificuldades que nossos alunos retratam em seus trabalhos são apenas nossas, ou evidenciam casos pontuais ou isolados.

Para não sucumbir a essa sensação, indagamos sobre a possibilidade de pesquisar acerca das relações que os acadêmicos mantêm com a escrita de textos, tendo em vista o processo ensino-aprendizagem nas licenciaturas, concebendo que um bom domínio nas práticas de escrita é fundamental para futuros professores.

Os dados e análises referentes a essa pesquisa serão apresentados adiante, após desenvolvermos a perspectiva teórica que nos iluminou na valorização da escrita nos processos de formação.

Nossa orientação teórica provém da Psicologia Histórico-Cultural, cujo representante maior é Vygotsky (1984, 1991). Nessa perspectiva, as relações entre linguagem e pensamento ocupam lugar central, concebendo-se que a linguagem, inclusive a escrita, não apenas atua nos processos de intercâmbio social entre os homens, para a comunicação de sentimentos, experiências etc, mas é a principal mediadora entre o homem e a realidade.

Vygotski (1991) concebeu uma segunda função da linguagem para além da função comunicativa. Para ele, a linguagem atua como um poderoso instrumento do pensamento, pois fornece os conceitos com os quais o pensamento trabalha, ordenando a realidade. Através da linguagem, a cultura dá forma à mente e possibilita o desenvolvimento de variados processos cognitivos.

No caso da escrita, podemos dizer que ela atua modificando as estruturas mentais do sujeito, fornecendo novos modelos conceituais. Como destaca Wertsch (1998, p.89), “os processos e as estruturas cognitivas são transformados significativamente pela aquisição de nossa mais reconhecida ferramenta cultural (e intelectual), isto é, a escrita.” Desse modo, aprender a língua escrita é bem mais que aprender um instrumento de comunicação; é, sobretudo, construir estruturas de pensamento que tornam o homem capaz de abstrações cada vez mais elaboradas, cada vez mais precisas, garantindo um pensamento mais organizado. (LURIA, 1986).

A linguagem escrita atua de modo diferente da linguagem oral. Enquanto a linguagem oral é natural e permite a complementação dos sentidos, por meio de gestos e entonações, a linguagem escrita resulta de um aprendizado peculiar, “que começa com o domínio consciente de todos os meios de expressão escrita” (Luria, 1986, p.169). A própria estrutura da escrita é diferente da linguagem oral, pois pressupõe a necessidade de clareza para que a comunicação seja eficaz uma vez que “aquele que escreve deve

apresentar-se mentalmente a quem escreve” (p.169), devendo expressar os objetivos que o levaram a escrever.

A condição de utilizar a linguagem escrita com certa autonomia e certo domínio da língua resulta de um longo esforço de produção dos aprendizes. Na linguagem escrita não escrevemos como falamos, pois a escrita não é um espelho da fala. Além disso, a língua escrita é mais formal que a língua oral, mais sujeita às regras e convenções da língua e não permite os volteios e imprecisões presentes na oralidade, pois pressupõe que o receptor não esteja presente junto ao emissor. Então, a produção da linguagem escrita deve primar pela clareza e não se constitui uma aquisição natural e espontânea, dependendo, em muito, dos contextos de letramento em que os indivíduos se inserem, tendo especial valor, para a sua apropriação, as mediações exercidas pela escola.

A partir da compreensão de que a escrita atua na mediação entre o indivíduo e mundo, na organização do pensamento humano e permite a comunicação social, podemos depreender sobre a sua importância para os indivíduos.

Uma das questões que a reflexão sobre o aprendizado da língua escrita comporta, diz respeito aos processos de letramento dos indivíduos, que supõe a idéia de que as práticas de escrita e de leitura trazem para as pessoas conseqüências cognitivas, sociais, culturais e políticas. Isto equivale a dizer que o aprendizado da escrita altera as condições do indivíduo, pois acessa conhecimentos e possibilidades de desenvolvimento antes desconhecidos, ou conhecidos somente em parte.

No contexto de origem, o termo letramento surgiu a partir do reconhecimento das limitações apresentadas pela palavra alfabetização, quando os estudiosos tentavam descrever a amplitude e a complexidade das práticas relativas à escrita e à leitura. (ELER E VENTURA, 2007). A diferença entre alfabetização (presença da tecnologia de escrever e ler) e letramento pode ser constatada através da verificação da capacidade de usar a leitura e a escrita em práticas sociais. A maneira como o sujeito utiliza essas ferramentas, se com perícia, desenvoltura, ou não, irá demonstrar seu maior ou menor grau de letramento. Compreendemos, então que o conceito de letramento não se restringe à alfabetização escolar, pois amplia o entendimento da escrita e da leitura, tanto por admitir sua aprendizagem em contextos não-escolares como, principalmente, ao vincular a mobilização das ferramentas da escrita e da leitura à vida social dos indivíduos. (KLEIMAN, 1995; SOARES, 1998; DI NUCCI, 2008).

A medida que a sociedade vai se tornando cada vez mais centrada na escrita, o letramento se torna um desafio maior a ser enfrentado, razão pela qual muitos países atualmente têm se dedicado a avaliar o letramento da população, dos seus estudantes para subsidiar políticas educacionais na área e inúmeras pesquisas vêm se debruçando sobre o tema.

Do ponto de vista da educação superior, será que é possível afirmar que estamos colaborando efetivamente para fazer avançar os graus de letramento de nossos estudantes?

Frequentemente, o próprio fato de o estudante ter ingressado num curso superior, por ter passado pelo filtro do vestibular, é tomado pelos professores como uma espécie de garantia de boas condições de letramento. Entretanto, isso pode não ser verdade por inteiro, pois mesmo nas salas de aula universitárias encontramos insuficiências relativas a aspectos como, por exemplo, a redação e interpretação de textos. Além disso, nem sempre levamos em conta que, mesmo tendo se apropriado dos instrumentais da escrita é preciso que os cursos superiores dêem continuidade a esse desenvolvimento, especialmente se tratamos de um curso superior que visa formar professores, como é o caso das licenciaturas, considerando que a competência escrita é fundamental para bem exercer a docência da educação básica. A partir dessas compreensões, passaremos a apresentar dados quantitativos sobre a relação dos acadêmicos com a escrita no contexto dos cursos de licenciatura.

2. A RELAÇÃO DOS ACADÊMICOS DE LICENCIATURAS COM A ESCRITA

Nosso trabalho de pesquisa tece abordagem quantitativa, a partir de informações coletadas com alunos das últimas séries, sobre suas relações com a escrita de textos no contexto acadêmico. Os dados foram coletados por meio de questionários semi-estruturados em quatro licenciaturas (Pedagogia, História, Geografia e Matemática), após testagem piloto do instrumento elaborado.

O Quadro 1 apresenta o número de respondentes por curso.

Cursos de Licenciaturas	Nº. de Respondentes
Pedagogia	24
História	24
Geografia	9
Matemática	12

TOTAL	69
-------	----

Quadro 1 – Número de respondentes por Curso

2.1. A RELAÇÃO DOS ACADÊMICOS COM O TEXTO ESCRITO

Para retratar a relação dos acadêmicos com o texto escrito, a partir de suas respostas, apresentamos os três quadros que se seguem.

Licenciaturas/ Dificuldades encontradas	Compreensão/ Interpretação de textos	Redação de acordo com a ABNT	Compreensão da solicitação do professor	Redação de textos próprios	Redação de textos críticos	Outros
Pedagogia	2º.	1ª.				
História	2º.	1ª.				
Geografia	2º.	1ª.				
Matemática	2º.	1ª.	2º.	2º.		

Quadro 2 – Grau de Dificuldades mais comuns na realização de trabalhos escritos

Este quadro nos revela que a escrita nas normas técnicas é um tipo de prática que os alunos colocam como maior grau de dificuldade. Isto talvez se explique pelo caráter de novidade que a prática de escrita nas normas técnicas tem na universidade, uma vez que na escolaridade anterior frequentemente não se exigem trabalhos com obediência às normas. Esse dado também demonstra a necessidade de os cursos superiores trabalharem com esta solicitação, seja através de disciplinas de metodologia do trabalho acadêmico, seja por meio de outras atividades, ou cursos de extensão, que visem suprir esta lacuna na formação dos acadêmicos, uma vez que na seqüência dos estudos superiores, principalmente para aqueles que seguirão os caminhos da pós-graduação, este tipo de prática de escrita é tido como indispensável.

Além disso, percebemos que os acadêmicos evocam o problema da compreensão de textos para sua interpretação satisfatória, como uma segunda dificuldade que possuem nas licenciaturas, o que nos remete para a questão da exigência da leitura como uma condição necessária para a produção dos textos acadêmicos, visto que escrita e leitura são processos intercomplementares.

Os quadros 3 e 4 que se seguem retratam a relação dos acadêmicos com a escrita de textos e como reagem diante da solicitação de produções escritas pelos seus professores. Notemos:

Licenciaturas/ Relação com	Gosta de	Escreve	Não gosta de	Escreve apenas no	Outras
-------------------------------	----------	---------	--------------	----------------------	--------

a escrita de textos	escrever	pouco	escrever	computador	
Pedagogia	13	3	2	6	0
Histórias	8	13	0	2	1
Geografia	6	1	1	1	0
Matemática	7	3	2	0	0
Total	34	20	5	9	1
%	49,3%	29%	7,3%	13%	1,4%

Quadro 3 – Relação com a escrita de textos

Licenciaturas/ Reação quanto à solicitação da escrita	Escreve só o necessário	Cumpre o solicitado relutante	Escreve o básico sem dificuldades	Escreve com facilidade	Outras
Pedagogia	5	7	9	3	0
História	6	6	10	1	1
Geografia	4	3	2	0	0
Matemática	6	4	2	0	0
Total	21	20	23	4	1
%	30,4%	29%	33,4%	5,8%	1,4%

Quadro 4 – Reação quanto à solicitação da escrita

O quadro 3 nos revela um índice significativo de acadêmicos que admitem escrever pouco ou não gostar de escrever, o que nos retrata uma relação pouco prazerosa com a escrita de textos. Continuando a análise, observamos um conflito nos resultados dos quadros 3 e 4 quanto ao que se refere a gostar de escrever, que no quadro 3 chega a 49,3% dos respondentes.

Ocorre que no quadro 4 temos que 30,4% dos respondentes dizem escrever somente o necessário. Esse dado é seguido de 29% que admitem escrever com relutância para cumprir o solicitado e de 33,4% que escrevem somente o básico, sem explorar os recursos que a escrita oferece, embora sem grandes dificuldades. Estes três índices somados chegam a 92,8% dos sujeitos para os quais, as práticas de escrita se dão de modo restritivo, ou seja, parecem configuradas ao mínimo do potencial de sua utilização, remetendo-nos a uma relação conflituosa com o texto escrito por parte dos acadêmicos.

2.2. O DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA DURANTE A TRAJETÓRIA UNIVERSITÁRIA

Licenciaturas/ Avaliação do desenvolvimento da escrita	Sem melhora	Sensível melhora	Obteve melhora mas não gosta de escrever	Hoje escreve com facilidade
Pedagogia	2	7	1	14
História	3	8	4	9
Geografia	2	4	0	3
Matemática	3	2	3	4
Total	10	21	8	30
%	14,5%	30,4%	11,6%	43,5%

Quadro 5 - Avaliação do desenvolvimento da escrita

O Quadro 5 retrata a avaliação que os acadêmicos fazem sobre o desenvolvimento de sua condição de escrita durante a trajetória universitária. Nele observamos que 14,5% dos sujeitos consideram que não avançaram na sua condição de escrita e 11,6% admitem melhora, mas não desenvolveram o gosto pela escrita. Somando-se estas duas situações temos 26,1% dos acadêmicos que admitem estar com um desenvolvimento da escrita aquém do esperado. Esse resultado se somado aos 30,4% dos sujeitos que afirmam ter desenvolvido apenas uma sensível melhora, nos traz um resultado final pouco satisfatório em relação às contribuições da trajetória universitária para o desenvolvimento da escrita dos acadêmicos, embora o índice de 43,5% dos que admitem escrever hoje com facilidade demonstre que foram ofertadas situações no ensino superior que propiciaram aos alunos a reflexão sobre a escrita e o seu desenvolvimento.

Licenciaturas/ Metodologias	Pedagogia	História	Geografia	Matemática	Total
Pesquisas	3	3	0	0	6
Relatórios	4	1	2	2	9
Papers	3	0	0	0	3
Artigos	0	3	0	0	3
Resumos	4	1	1	0	6
Leituras	4	5	4	0	13
Resenhas	6	2	2	0	10
Textos Críticos	4	3	0	1	8

Trabalhos escritos	4	8	2	2	16
Sem resposta	6	3	1	0	10
Nenhum	0	4	1	7	12

Quadro 6 – Reconhecimento de estratégias que auxiliam no desenvolvimento da escrita

O Quadro 6 expressa dados referentes à uma questão do instrumento de pesquisa que solicitava aos acadêmicos que apontassem estratégias metodológicas que os ajudaram a melhorar a maneira de escrever. A questão era livre e o quadro retrata uma condensação dos apontamentos dos alunos. Podemos notar que a maioria das estratégias remete para situações em que foram solicitados a produzirem diferentes gêneros de textos escritos (relatórios, papers, artigos, resenhas, resumos), o que nos reporta para a importância da interação com variadas situações de escrita dentro dos cursos, como meio para o desenvolvimento da escrita dos acadêmicos.

Licenciaturas/ Resultados das estratégias	Não ajudaram	Possibilitaram melhora	Levaram a reflexão sobre a escrita	Foram indispensáveis	Outras
Pedagogia	2	6	12	4	0
História	3	5	14	2	0
Geografia	3	2	3	0	1
Matemática	5	6	1	0	0
Total	13	19	30	6	1
%	18,9%	27,6%	43,4%	8,7%	1,4%

Quadro 7 – Resultados sentidos pelos acadêmicos mediante estratégias de escrita solicitadas pelos seus professores

O Quadro 7 complementa com a percepção dos acadêmicos sobre os resultados obtidos a partir das estratégias utilizadas pelos professores, consideradas mais eficazes no desenvolvimento de suas escritas. Mostra-nos que há um significativo reconhecimento, por parte dos alunos, do efeito positivo das estratégias de solicitação de produção textual, pois se somarmos 43,4% dos que afirmam que as estratégias levaram a reflexão sobre a escrita, com os 8,7% que dizem que tais estratégias foram indispensáveis e 27,6% que admitem melhora, temos 79,7% de resultados positivos que expressam a importância de os professores do ensino superior solicitarem a produção de textos pelos acadêmicos em suas disciplinas.

Estes dados nos alertam para um maior cuidado quanto à escolha de estratégias de ensino que sejam significativas e possibilitem o desenvolvimento da escrita, uma vez

que este desenvolvimento é uma construção pessoal que se dá mediante práticas em situações reais de uso da escrita.

2.3. SOLICITAÇÃO DE PRÁTICAS DE PRODUÇÃO ESCRITA PELOS PROFESSORES

Os Quadros 8, 9 e 10 que se seguem expressam dados referentes ao processo de mediação dos professores das Licenciaturas em relação à produção escrita.

Licenciaturas/ Utilização de práticas de produção escrita	Todos	Alguns	Não utilizam/Muito pouco	Outro
Pedagogia	5	17	2	0
História	5	18	1	0
Geografia	0	9	0	0
Matemática	0	4	8	0
Total	10	48	11	0
%	14,5%	69,5%	16%	

Quadro 8 – Utilização de práticas de produção escrita pelos professores das Licenciaturas

No Quadro 8 verificamos que a grande maioria dos acadêmicos (69,5%) afirma que são apenas alguns professores dos seus cursos que fazem este tipo de solicitação. Dito em outras palavras, constatamos que a produção escrita dentro dos cursos é uma realidade restrita a uma pequena parcela dos professores.

Sabemos que a realidade dos cursos superiores muitas vezes dificulta o trabalho docente e a utilização de práticas de produção escrita. Nessa realidade encontramos salas de aula com grande número de alunos; professores que, em função de salários pouco satisfatórios, assumem muitas atividades; professores com grande número de turmas, dentre outros fatores. Assim, o tempo escasso dificulta um bom trabalho com as produções escritas, as quais exigem, entre outros aspectos, para serem produtivas, a necessidade de relações cooperativas, disponibilidade de tempo para atender aos questionamentos conceituais e quanto à forma, reflexões devolutivas das produções dos alunos. Além disso, tem-se a tradição do ensino transmissivo, da aprendizagem mecânica, que por via de regra influenciam negativamente um trabalho mais voltado à construção do conhecimento pelo aprendiz. Entretanto, essas possíveis explicações não eximem o ensino superior de suas responsabilidades frente ao desenvolvimento da

escrita dos acadêmicos, razão pela qual a luta por melhores condições de trabalho dos formadores se faz necessária e importante nesse contexto.

Licenciaturas/ Expectativa na devolução	Nota	Notas e erros	Critérios de Correção	Opinião do Professor	Outras
Pedagogia	0	1	9	14	0
História	0	3	14	7	0
Geografia	1	1	5	2	0
Matemática	1	0	6	5	0
Total	2	5	34	28	0
%	3%	7,2%	49,3%	40,5%	

Quadro 9 – Expectativa dos acadêmicos em relação à devolução dos trabalhos

O Quadro 9 retrata dados sobre as expectativas dos acadêmicos quando entregam um trabalho acadêmico ao professor. Embora seja pequena a parcela de alunos que admite esperar somente a nota (3%) e verificar a nota e os erros (7,2%) tem-se um índice significativo que afirma esperar a devolutiva do trabalho para observar os critérios de correção utilizados pelo professor. Parece-nos que esses alunos, como os demais, também evidenciam um foco na nota, porém com a implicação de que procuram conhecer melhor a maneira como o professor avalia para, numa próxima ocasião, vir a responder da maneira que julgam que o professor deseja. Ora, esse conhecimento dos critérios de correção visa, em última instância, a obtenção de notas satisfatórias e a evitação dos erros, pelo conhecimento dos seus critérios, o que nos revela um modelo de docência centrado na nota e no controle das respostas.

O índice de 40,5% dos sujeitos que admite esperar, além da nota, a opinião do professor sobre o seu trabalho, na medida em que julgam importante o comentário do professor, nos revela uma preocupação com o crescimento pessoal e a efetiva aprendizagem na formação.

Licenciaturas/ Relevância dos Fatores	Auxilio de colegas	Estudos próprios	Mediação dos professores	Estratégias metodológicas	Outros
Pedagogia	2°.	1°.	1°.	1°.	
História	2°	1°.			
Geografia	2°	1°.			
Matemática		1°.		2°.	

Quadro 10 – Grau de Relevância dos fatores que auxiliaram no desenvolvimento da escrita

O Quadro 10 expressa o grau de relevância que os acadêmicos atribuem aos fatores que auxiliaram o desenvolvimento da sua condição de escrita na universidade. Neste quadro chama-nos a atenção a unanimidade do item *estudos próprios*, seguida pelo apontamento do *auxílio dos colegas*, sendo a *mediação e as estratégias metodológicas* dos professores pouco apontadas nesse quesito.

2.4. O ACADÊMICO DAS LICENCIATURAS E A LEITURA

Considerando que as práticas de leitura constituem um espaço de formação do sujeito escrevente, o Quadro 11, a seguir, retrata a relação dos acadêmicos com a leitura em geral, uma vez que lhes foi solicitado no instrumento de pesquisa que colocassem o nome de obras literárias lidas nos últimos cinco anos.

Licenciaturas/ Quantidade de obras lidas	Nenhum livro	Até 2 livros	De 2 a 5 livros	Mais de 5 livros
Pedagogia	1	11	4	8
História	2	18	4	0
Geografia	1	8	0	0
Matemática	6	6	0	0
Total	10	43	4	8
%	15,5%	66,1%	6,1%	12,3%

Quadro 11 – Quantidade de obras literárias lidas nos últimos 5 anos

Neste quadro verificamos uma realidade extremamente pobre em relação ao universo de leitura dos acadêmicos, visto que a maioria conseguiu nomear apenas duas obras e entre aqueles que nomearam mais de 5 encontramos títulos que se referem à textos técnicos e/ou científicos, provavelmente exigidos durante a graduação, o que restringe a leitura literária nesse contexto.

Estes dados nos sugerem a pouca frequência da leitura na vida dos acadêmicos, o que certamente influencia a qualidade das suas produções escritas, pois a leitura fornece subsídios para uma escrita mais consistente. Sendo assim, a pesquisa revela que a formação do leitor é também uma necessidade na formação dos professores nos cursos de licenciatura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados coletados nesta pesquisa nos permitem afirmar que a relação dos acadêmicos com a produção de textos escritos mostra-se conflituosa, pouco prazerosa, e

pautada por dificuldades, principalmente da ordem das normas técnicas e da compreensão/interpretação de textos. Neste cenário, embora a trajetória universitária nas Licenciaturas não seja reconhecida significativamente como influente no desenvolvimento das produções escritas, temos dados que permitem depreender que a mediação dos formadores, ainda que restrita, é bastante importante neste contexto.

A pesquisa também mostrou que um número significativo de alunos carrega expectativas quanto à devolutiva das produções textuais que não se restringem apenas às notas ou conhecimento de critérios de correção, mas visam levar em conta as opiniões dos professores sobre tais produções. Quanto ao grau de relevância dos fatores que auxiliaram no desenvolvimento da escrita, os acadêmicos apontam os estudos próprios e o auxílio dos colegas são relevantes, estando a mediação dos professores pouco reconhecida nesse contexto. Finalmente, vimos através da pesquisa que os acadêmicos das licenciaturas possuem um universo de leitura bastante empobrecido, fato que certamente traz conseqüências para a desenvoltura nas práticas de escrita.

Os dados desta pesquisa nos remetem a destacar mais uma vez que a utilização da linguagem escrita com autonomia e adequado domínio da língua resulta de um longo esforço de produção dos aprendizes, daí porque é necessário que o contexto da formação inicial de professores, nas licenciaturas, configure-se também como um contexto de letramento, em que as práticas de leitura e de produção escrita sejam mais valorizadas pelos formadores e entendidas como instrumentos de organização e desenvolvimento do pensamento.

REFERÊNCIAS

- DI NUCCI, E. P. (2008). Alfabetizar letrando... Um desafio párea o professor! In: LEITE, S. A. da S. (Org.). (2008). **Alfabetização e letramento: contribuições para a prática pedagógica**. 4ª. ed. Campinas: SP, Komedi, p. 47-74.
- ELER, D. e VENTURA, P.C.S. (2007). Alfabetização e letramento em ciência e tecnologia: reflexões para a educação tecnológica. In: VI Encontro nacional de pesquisa em educação em ciências. Florianópolis, **Anais do VI Encontro nacional de pesquisa em educação em ciência**. Belo Horizonte: ABRAPEC, v.1, p.1-12.
- KLEIMAN, A. B. (org.). (1995). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: SP, Mercado das Letras.
- LURIA, A. R. (1986). **Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria**. Porto Alegre, Artes Médicas.
- SOARES, M. B. (1995). Língua escrita, sociedade e cultura: relações, dimensões e perspectivas. **Revista Brasileira de Educação**, p.5-16.

SOARES, M. B. (1998). **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: MG, Autêntica.

VYGOTSKY, Lev. S. (1984). **A formação social da mente**. São Paulo. Martins Fontes.

_____. (1991). **Pensamento e linguagem**. São Paulo. Martins Fontes.

WERTSCH, J. V. (1998). **Estudos socioculturais da mente**. Porto Alegre, ArtMed.